

Conversas com David

Flávio Rotta Corrêa, Porto Alegre*

O autor faz um relato de sua relação pessoal, profissional e afetiva com David E. Zimmerman trazendo alguns aspectos de sua rica e produtiva vida, em especial sua trajetória como psiquatra, psicanalista, autor e difusor da psicanálise. De sua extensa obra faz referência a três trabalhos nos quais estão presentes estímulo ao pensamento, criatividade e liberdade, características marcantes de sua personalidade.

Palavras-chave: David E. Zimmerman, vida, psicanálise, psiquiatria.

* Psicanalista, membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Há alguns dias, através de uma colega, tive conhecimento – e comecei a lê-lo – do artigo de Thomas H. Ogden (2014), *Fear of breakdown and the unlived life*, no qual ele dá continuidade a sua leitura de *contribuições seminais analíticas* de Freud, Winnicott, Isaacs, Fairbairn, Bion, Loewald e Searles, trabalhos que estão reunidos em seu livro *Creative readings* (2012). Ogden foca-se no trabalho de Winnicott (1974), *Fear of breakdown*, para desenvolver ideias não só psicanalíticas, mas o que é estar vivo para o ser humano. A leitura do trabalho num dia cinzento e chuvoso produziu em mim um misto de satisfação, prazer e uma nostalgia que acompanhava o desenvolvimento da leitura como sempre instigante e libertária dos textos de Ogden.

Após a apreciação do trabalho de Winnicott, Ogden traz uma ilustração clínica: Ms. L, que tinha sofrido um severo trauma na infância – mãe deprimida grave e pai que abandona a família. Tratamento difícil, períodos de *esterilidade emocional*, com um relacionamento mais formal que afetivo. Isto foi percebido e modificado quando Ogden contextualizou o que dificultava e impedia o progredir da análise, nas suas palavras “*for example, in the form of my attempts to imitate an analytic experience with ‘pré-packaged’ transference interpretations and rêvèrie experiences*”¹ (Ogden, 2014, p. 218). Neste momento da leitura identifiquei as emoções que vinha experimentando: este trabalho tinha, no seu conteúdo teórico e clínico, temas recorrentes nos encontros meus com o David: criatividade, liberdade, verdade, espontaneidade e prazer na vida. Este artigo seria o gatilho para mais uma noite de costelas, psicanálise e vida.

Conheci David em 1962, quando comecei minha residência em psiquiatria na Clínica Pinel, onde depois permaneci trabalhando sob a sua direção (foi diretor clínico da Pinel) até meados dos anos 70, quando saímos da Clínica, mas continuamos juntos numa atividade da AMRIGS (Associação Médica do Rio Grande do Sul) – Programa de Educação Médica Continuada (PEC) – para levar a médicos do interior uma abordagem da conduta médica diferente dos tradicionais *cursos de atualização*, durante os anos 80.

A Pinel e o PEC foram duas experiências inovadoras, ousadas, rompendo com modelos tradicionais de visão da medicina e da psiquiatria. A Pinel desenvolveu um tratamento hospitalar baseado na psicanálise nos moldes da Clínica Menninger, onde Marcelo Blaya fez sua formação; o PEC era uma atividade de fim de semana em uma cidade do interior (a primeira foi Lajeado), onde uma

¹ Tradução livre do autor: “por exemplo, na forma de minhas tentativas de imitar uma experiência analítica com interpretações da transferência ‘pré-empacotadas’ e experiências devaneio”.

equipe médica composta de clínico, cirurgião, obstetra, pediatra e psiquiatra trabalhava com médicos da região atendendo pacientes, discutindo casos clínicos, relacionamento médico-paciente e, entre os médicos, interação com as comunidades etc. Foram duas oportunidades nas quais a presença do David foi marcante pela sua vivência e conhecimento médico, psiquiátrico-psicanalítico e por suas próprias qualidades que lhe conferiam condições especiais de manejo de delicadas situações de relações profissionais e pessoais.

A Pinel, nos anos 60 e 70, constituiu-se em atração para o Brasil como formação psiquiátrica. Para isso concorreu a apresentação, no Congresso Brasileiro de Psiquiatria que se realizou em Fortaleza, dos primeiros trabalhos da Clínica, com a descrição de um novo modelo de tratamento psiquiátrico hospitalar e a participação de toda uma equipe constituída de médicos, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e praxiterapeutas. Esses trabalhos foram levados pelo David e por mim, ambos representando a Pinel na delegação da Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, que foi ao Congresso em avião cedido pela FAB.

No dia seguinte das leituras dos trabalhos, ao chegarmos para assistir a uma reunião plenária sobre hospital psiquiátrico, o coordenador da mesa convidou a Pinel para ampliar seus relatos sobre uma clínica localizada no centro de Porto Alegre na frente do parque mais conhecido e frequentado da cidade. Depois de uma conversa e de planejarmos uma estratégia, pois não tínhamos nada preparado, comunicamos ao coordenador a aceitação do convite e que David seria o nosso representante. Fizemos mais uma solicitação: a participação do David poderia ser a última no mês, o que foi aceito. Concluída a apresentação dos relatores, o coordenador fez uma referência à presença do David, que não estava no programa, e passou-lhe a palavra. Tive então o privilégio de assistir ao que depois se tornou conhecido e admirado por todo o país: o palestrante claro, simples, profundo e verdadeiro. Não tenho dúvida que esse momento teve especial significado para a difusão da Pinel, em especial no nordeste, de onde vários colegas vieram e alguns por aqui ficaram.

Nessa noite eu e David fomos jantar num restaurante da beira da praia onde comemos, em comemoração aos sucessos do dia, uma lagosta em substituição às costelas da churrasceria do Bom Fim do tempo da residência na Pinel. No PEC sua experiência e conhecimento da dinâmica grupal dava-lhe posição de liderança, a seu modo, com a sua característica democrática, sem arrogância, respeitosa e generosa. Nesses, além dessas atividades, fizemos nossa formação analítica e desenvolvemos as atividades psicanalíticas no consultório e na sociedade, quando, gradativamente e por diversos fatores, pessoais e familiares, David desenvolveu uma produção científica e a atividade de levar para o Brasil seus livros, seus

trabalhos e, mais do que tudo, sua pessoa, viva, criativa, espontânea e verdadeira.

Maurice Segard (1929), médico dos inícios do século XX, na apresentação de seu livro *Consultaire*, cita Montaigne: “Não basta somar as experiências, é preciso pesá-las e combiná-las; é preciso tê-las digerido (metabolizadas) e (tê-las) filtradas para delas tirar as razões e as conclusões” (Segard, 1929, folha de rosto). David era um seguidor de Montaigne, nato, instintivo, pois era um pensador não dogmático, aberto ao questionamento, sempre disposto ao pensar sem preconceitos, capaz até de aceitar críticas, ao seu tricolor, de um colorado². Com este David é que eu conversava, triste, quando da leitura do Ogden, pois, embora a presença interna, a ausência é dolorosa.

Após Pinel e PEC as conversas se tornaram mais psicanalíticas com alternância de temas teóricos e técnicos, especialmente as interpretações *pré-packaged*, como referi anteriormente. Esse tema, que implica em liberdade e criatividade, perpassa a obra de David em vários momentos em que expõe suas ideias sobre teoria e técnica. Não vou me estender nesses tópicos, mas sim utilizá-los para caracterizar aspectos da personalidade que se expressaram na sua obra científica e literária, produzindo e incentivando pensamentos que enriquecem o diálogo e o intercâmbio cultural e científico. Como exemplo, tomarei três trabalhos nos quais estão presentes criatividade e estímulo ao pensar: *A posição narcisista* (1999a), *O vínculo do reconhecimento* (1999b) e *O espelho na teoria e na prática psicanalítica* (1999c). Embora existam outros, porque, especialmente, a posição narcisista e o vínculo do reconhecimento são conceitos que produziram polêmica, ou seja, dinamizaram o diálogo psicanalítico revitalizando conceitos e introduzindo uma visão nova aos conceitos de amor, ódio e conhecimento de Bion. O mesmo sobre *posição narcisista*, conceito inovador e que faz pensar. Mia Couto, escritor moçambicano, em entrevista à Zero Hora, diz: “Pensar é um grande prazer. E esse gosto está dentro de nós. Não pode ser algo que se faz por imposição” (2014, p. 9, Caderno PROA).

Nas nossas jantais habituais teríamos Ogden, Winnicott, Mia Couto e, possivelmente, algum comentário sobre futebol de um tricolor com um colorado, até por vezes com alguma *gozação* (mas sem perder o carinho). Este era o clima de nossas conversas, ricas, vivas, espontâneas numa sucessão de ideias sem nada pré-determinado, clima no qual pensar livre e sem preconceitos fazia daquelas horas o que Mia Couto diz – “Pensar é um grande prazer” (*Ibid.*). No prefácio de seu livro *Fundamentos psicanalíticos* (1999d) escrevi:

² N.R.: Aqui o autor está se referindo à disputa acirrada que existe no Rio Grande do Sul, entre os torcedores tricolores (do Grêmio Futebol Porto-alegrense) e os colorados (do Sport Club Internacional).

Livros como este que estou comentando, além do aspecto educativo para os iniciantes em psicanálise, têm a qualidade de fazer pensar a todos que o lerem. Penso que, com sua produção científica e, de modo particular, com este livro, David dá uma importante contribuição nessa luta pela liberdade de pensar e pela busca da verdade, opondo-se às mistificações e falsidades hegemônicas e totalitárias (Corrêa, 1999, prefácio). □

Abstract

Chatting with David

The author reports his personal, professional and affective experience with David E. Zimmerman bringing in some aspects of the latter's rich and productive life, especially his trajectory as psychiatrist, psychoanalyst, author, and disseminator of psychoanalysis. About Zimmerman's extensive work, the author mentions three pieces in which stimulus to thinking, creativity and liberty are present, outstanding characteristics of Zimmerman's personality.

Keywords: David E. Zimmerman, life, psychoanalysis, psychiatry.

Resumen

Conversas con David

El autor hace un relato de su relación personal, profesional y afectiva con David E. Zimmerman, trayendo algunos aspectos de su rica y productiva vida, en especial su recorrido como psiquiatra, psicoanalista, autor y difusor del psicoanálisis. De su extensa obra se refiere a tres trabajos en los que están presentes el estímulo al pensamiento, la creatividad y la libertad, características marcadas de su personalidad.

Palabras clave: David E. Zimmerman, vida, psicoanálisis, psiquiatría.

Referências

Corrêa, F. R. (1999). Prefácio em *'Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática'* de D. Zimmerman. Porto Alegre: Artmed.

- Couto, M. (2014, 7 de setembro). Entrevista. *Jornal Zero Hora*, (Caderno PROA).
- Ogden, T. (2012). *Creative readings: essays on seminal analytic works*. Oxford: Routledge, New Library of Psychoanalysis series.
- Ogden, T. H. (2014). Fear of breakdown and the unlived life. *Int. J. Psychoanal.*, 95: 205-223.
- Segard, M. (1929). *Consultaire: 120 consultations de tous les jours*. Paris: Norbert Maloine.
- Winnicott, D. W. (1974). Fear of breakdown. In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (Eds.). *Psychoanalytic explorations: D. W. Winnicott* (pp. 87-95). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Zimerman, D. (1999a). Posições: a posição narcisista. In D. Zimerman, *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.
- Zimerman, D. (1999b). Vínculos: o vínculo do reconhecimento. In D. Zimerman, *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.
- Zimerman, D. (1999c). O espelho na teoria e na prática psicanalítica. In D. Zimerman, *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.
- Zimerman, D. (1999d). *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.

Recebido em 19/09/2014

Aceito em 05/10/2014

Revisão técnica de **Lúcia Thaler**

Flávio Rotta Corrêa

Rua Comendador Caminha, 286/202

90430-030 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: rottacorrea@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA